

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Shopping news

Class.: PIB geral

Data: 11.08.85

Pg.: _____

190

Índios

O miserável destino destes doentes

Pouco conhecida, funciona em São Paulo a Casa do Índio Doente. Uma residência antiga, sem as mínimas condições de higiene e infra-estrutura para tratar dos pacientes. Que só sobrevivem graças ao esforço de alguns funcionários e da ajuda do corpo clínico do Hospital São Paulo, e de alguns voluntários. O descaso dos órgãos oficiais pelos índios é visível.



Os guaranis: a longa espera por alguma ajuda.



Auá: e a mangueira que faz funcionar o chuveiro.

Luis Casadei Manechini

Um alojamento parecido com os milhares de cortiços espalhados pela cidade de São Paulo. É a Casa do Índio Doente, em péssimas condições de habitabilidade, próxima ao Hospital São Paulo, na Rua Doutor Bacelar, 896 — Vila Clementino. Eles chegam de todas as partes do Brasil em busca de tratamento médico.

Guaranis, Txucarramãs, Kangangs, Xocós, Craos, Kaiabis... Nesta casa da Funai, passam representantes de várias nações indígenas, numa troca de experiências culturais marcada pela necessidade. A casa está sempre lotada, os acompanhantes procuram dormir onde restar um espaço. Muitas vezes, nos banheiros ou debaixo da mesa da cozinha. As crianças participam desse cotidiano de pobreza urbana.

Para os índios, uma prisão. Estão restritos a circular pelos dez ou doze cômodos da casa, tomar sol numa pequena área de serviço cimentada. A comida, nada que lembre xuhun (banana verde cozida), rora (cuscuz de fubá), raramente tem peixe. Uma dieta de branco difícil de engolir. Nessas condições, agrava-se o estado daqueles que já se encontram doentes.

Mas os problemas não terminam aí. Dos três banheiros existentes na casa, apenas um funciona regularmente. Assim mesmo, a água fria do chuveiro é puxada de uma torneira através de mangueira. Mais ainda: faltam remédios e roupas de frio. Pior, toda a verba que a Funai enviou para o tratamento dos doentes, cerca de Cr\$ 23 milhões, segundo informações dos funcionários, teria sido desviada pelo índio Ubiratan Kaua Emerig, responsável pela administração da casa, que sumiu sem deixar notícias.

DEPOIMENTOS

Uma visita à Casa do Índio Doente é o suficiente para entender o estado de abandono em que se encontram os grupos indígenas no País. Há exceções, a Nação Kangang é uma delas. O grupo distribui-se geograficamente no Sul do País e chegou a um nível de aculturação que não dispensa a moderna tecnologia rural — trator, motosserra, radioamador etc.

O representante dos Kangangs na

casa da Vila Clementino é Auá, um rapaz de 23 anos, que veio do Posto Indígena Ibirama, no Paraná. Casado, com dois filhos, cursou até a oitava série do Colégio Ceará, em Brasília. Fala com orgulho de seu povo: "No Rio Grande do Sul temos 24 áreas, no Paraná mais oito, somos hoje uma população de aproximadamente 20 mil índios Kangangs" — informa.

Bem dotado fisicamente, vestindo calça jeans, Auá lembra o estereótipo do índio americano moderno. Sobre a Casa do Índio Doente ele é taxativo: "Como é que um de nós pode viver num espaço desses, sem as mínimas condições de higiene e infra-estrutura? O índio que vem para cá fica mais doente. Uma chácara nas proximidades da cidade é o mínimo que se pode exigir."

Pedrito Santana pertence ao grupo Xocó, veio do Norte de Sergipe, das margens do rio São Francisco, onde vive o seu povo, para tratar de uma paralisia. Por resistir a invasões de fazendeiros nas terras demarcadas de sua tribo, levou um tiro de pistoleiro, numa emboscada, próximo à espinha. Com exercícios diários de fisioterapia, espera ficar bom até o final do ano para rever os seus: "A mulher me escreveu dizendo que está passando necessidade e eu aqui sem poder sair da cama. Se ao menos tivesse uma cadeira de rodas, poderia me locomover até a área para tomar sol e respirar um pouco de ar diferente."

Longe das rodas de torá (dança), das noites de Aitê (troca de segredos), da pesca e da caça, Pedrito procura não reclamar do tratamento que recebe: "Apesar das condições, os funcionários fazem o máximo que podem. Só a cozinheira é que não consegue acertar na comida."

HISTÓRIAS DE ABANDONO

Os poucos sobreviventes da nação Guarani, principalmente os que se espalham nas aldeias ao longo do litoral paulista, encontram-se numa situação de total abandono pelos órgãos oficiais. A missionária Luizinha, irmã vicentina, que deveria estar desenvolvendo um trabalho de preservação da cultura espiritual dos guaranis, passou a cuidar voluntariamente de problemas de assistência social dessa gente, trazendo os doentes para se tratar em

São Paulo, dividindo com eles acomodações de sua residência no bairro da Bela Vista, já que a Casa do Índio Doente está sempre com a lotação completa.

"O problema dos índios guaranis é muito sério, ninguém olha por eles. A Sudelpa - Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista - os tirou da jurisdição da Funai para não fazer absolutamente nada. Entre abril e maio, morreram três crianças da Aldeia da Barragem, nas proximidades de Parelheiros, por falta de assistência" — denuncia a missionária.

Naquele dia, a irmã Luizinha encontrava-se na Casa da Vila Clementino com uma comitiva de guaranis: Juventina Poty, uma índia idosa que não fala português, de Parelheiros, tratando de queimaduras no rosto e na cabeça; Maria do Carmo, 31 anos, da Aldeia de Ubatuba, com problemas de rins e avisada pelos médicos de que poderão parar de funcionar a qualquer momento. Júlio Karai, da Barra do Una, Litoral Norte, que veio com a família para tratar da filha mais nova, Laura Kerexu, internada no Hospital São Paulo com tuberculose. Seus dois outros filhos, Luis Carlos Mbigwai (quatro anos) e Silvano Mirim (seis anos) estão vivos, com saúde, graças ao socorro prestado pela missionária.

"O Luis já fez drenagem de pus do pulmão, o Silvano teve tuberculose" — situa a irmã Luizinha, que não desiste da sua luta em favor dos guaranis: "É um povo que tem o direito de viver com mais dignidade."

COMO AJUDAR

Atualmente, a Casa do Índio Doente tem condições de atender precariamente a uma lotação de vinte pessoas. Mas há ocasiões em que chega a receber sessenta índios. Quando isso acontece, as dificuldades aumentam. O fogão, pequeno, não é suficiente para tantos pratos. Não há cama nem cobertas para todos. Roupas de frio, principalmente de crianças serão bem recebidas. Alimentos e remédios, também. Até mesmo um chuveiro elétrico está fazendo falta. Quem quiser ajudar, enquanto os órgãos oficiais não tomam providências, entrar em contato pelo telefone 577-3102.